

## ARTIGO

# O MENINO DO GOUVEIA A HISTÓRIA REAL QUE INSPIROU O PRIMEIRO CONTO HOMOERÓTICO BRASILEIRO DE 1914

## THE GOUVEIA'S BOY THE REAL STORY THAT INSPIRED THE FIRST BRAZILIAN HOMOEROTIC TALE OF 1914

VALMIR COSTA<sup>1</sup>

### RESUMO

O primeiro conto homoerótico do Brasil, “*O Menino do Gouveia*”, foi lançado em fevereiro de 1914. Trata-se do sexto volume da coleção “*Contos Rápidos*” da revista erótica *O Rio Nu* (1898-1916), voltada para homens heterossexuais. Porém, *O Rio Nu* inicia uma narrativa pilhérica e erótica com um tal “Gouveia” a partir de julho de 1906 até o lançamento do conto em 1914. Tal personagem real é retratado em *O Rio Nu* como um homem mais velho com tara por sexo anal. Para além da ficção, o conto é inspirado em um fato real ocorrido no ano de 1906, envolvendo o tal Gouveia, inclusive, o nome vira gíria e uma lenda urbana no Rio de Janeiro daquele período. Tal descoberta deve-se a uma pesquisa realizada nos diários *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio* e *O Paiz*, entre maio e julho de 1906, para verificar algumas notícias publicadas sobre o “Gouveia” na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** O Menino do Gouveia; Literatura Homoerótica; O Rio Nu; Homossexualidade; Conto Homoerótico

### ABSTRACT

The first homoerotic tale in Brazil, “*The Gouveia's Boy*”, was released in February 1914. It is the sixth volume of the “*Quick Stories*” collection of the erotic magazine *O Rio Nu* (1898-

---

<sup>1</sup> Jornalista formado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), professor de jornalismo e pesquisador na área de jornalismo e relações de gênero e jornalismo e história. Contato: valmirinhos@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0141-8068>

1916), aimed at heterosexual men. However, *O Rio Nu* starts a joking and erotic narrative with such a “Gouveia” from July 1906 until the release of the short story in 1914. Such a real character is portrayed in *O Rio Nu* as an older man with anal sex tare. In addition to fiction, the tale is inspired by a real event that occurred in 1906, involving the Gouveia, including the name becoming slang and an urban legend in Rio de Janeiro of that period. This discovery is due to a research carried out in the newspapers *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio* and *O Paiz*, between May and July 1906, to verify some news published about the “Gouveia” in the Brazilian Digital Library of the National Library Foundation.

**KEYWORDS:** O Menino do Gouveia; Homoerotic Literature; O Rio Nu; Homosexuality; Homoerotic Tale

## Introdução

É 14 de maio de 1898. É lançada a revista *O Rio Nu* (1898-1916), o “*periódico semanal caustico humorístico*” – como se intitula – é veiculado às quartas-feiras e dirigido por Heitor Quintanilha, Gil Moreno e Vaz Simão.<sup>1</sup> A revista *O Rio Nu* é produzida por uma série de colaboradores. Zé Pereira, Fort Migão, Chico Bota, Frei K. Baço, Piparote, Dona Fina, Vosso Criado Mathias, D. Satan, Mané Gregório Junior são alguns pseudônimos dos seus coparticipantes. Seu escritório de redação fica no Largo de São Francisco, nº 6, no centro do Rio de Janeiro.<sup>2</sup>

Destinada ao público heterossexual masculino, rapidamente *O Rio Nu* se torna um expoente do “gênero alegre”, como são classificadas as revistas eróticas masculinas. Em formato tabloide de quatro páginas, publica apenas textos. Vez ou outra, alguma pequena ilustração para arejar suas páginas. Com acesso aos modernos modos de impressão, paulatinamente, abre espaço para os desenhos ilustrativos. Pelo estilo debochado como o tema sexo, ganha o graça do público e torna-se sucesso editorial.

É 1914. *O Rio Nu* começa a publicar uma série de contos eróticos na coleção intitulada “*Contos Rápidos*”, composta por livretos de 16 páginas. O sexto deles, “*O Menino do Gouveia*”, é lançado em fevereiro de 1914.<sup>3</sup> A obra é considerada, por historiadores e literatos, o primeiro conto homoerótico publicado no Brasil em formato de livro. “*Já leu O MENINO DO GOUVEIA o nº 6 dos Contos Rápidos!! (sic) É um sucesso sem igual a sua leitura?*”, diz *O Rio Nu*.<sup>4</sup>

O conto *O Menino do Gouveia* é dividido em quatro capítulos, com uma ilustração de um homem mais velho, em coito anal na posição de ativa, com um jovem de 16 anos. Enfim, o “Gouveia” e o seu “menino”, que é chamado de “Bembem”. Como referência nos estudos sobre a homossexualidade no Brasil, com a obra “*Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*”, (GREEN, 2000, p. 68), diz que a obra *O Menino do Gouveia*, “parece ser a primeira história homoerótica brasileira”.

Em outra obra intitulada *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*, GREEN e POLITO (2006) reafirmam tal informação. Inúmeros estudos citam e analisam o conto *O Menino do Gouveia*. Entre eles, (FAR, 2007), (SOUZA, 2011), (CARBONEL (2011), SILVA (2012), FONSECA JUNIOR (2017), só para citar alguns, baseados na informação de GREEN (2000). No entanto, *O Rio Nu* inicia uma narrativa pilhérica e erótica com um tal “Gouveia” a partir de julho de 1906 até o lançamento do conto em fevereiro de 1914. Em virtude disso, realizei uma pesquisa na coleção da revista *O Rio Nu* na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional para verificar se o tal

“Gouveia” se trata de uma personagem real, retratando um homem mais velho com tara por sexo anal em *O Rio Nu* ou se ele se trata de uma personagem meramente fictícia.

Gouveia, inclusive, vira gíria e uma lenda urbana no Rio de Janeiro daquele período a partir de 1906. Também foi feita uma pesquisa nos diários *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio* e *O Paiz* – entre maio e julho de 1906 – para verificar algumas notícias sobre o “Gouveia”. Isso é o que determinou o corpus desta investigação na coleção digitalizada de *O Rio Nu*, disponível na *Hemeroteca Digital Brasileira*, da *Fundação Biblioteca Nacional*. Considerando sua importância histórica, *O Menino do Gouveia* foi reeditado em 2016 pela editora *O Sexo da Palavra – Projetos Editoriais*.<sup>5</sup>

A proposta da editora é reeditar textos de temática homoerótica marginais e esquecidos com roupagem contemporânea. “Os textos escolhidos, através do grupo de pesquisa homônimo em ação na *Universidade Federal de Uberlândia – UFU*, têm por critério a presença de cenas homoeróticas e que tiveram pouca circulação” (FONSECA JUNIOR, 2017, p. 2). Quando faz comentários sobre *O Menino do Gouveia*, GREEN (2000), no entanto, lança suas análises e impressões apenas ao conto, em si, e ao autor do conto, cujo pseudônimo é Capadócio Maluco.<sup>6</sup> O autor não conseguiu durante suas pesquisas se aprofundar e atestar se “menino” e o “Gouveia” são personagens reais que inspiraram o conto.

Apenas afirma que o sobrenome “Gouveia” se transforma em uma “gíria” da época. “O título desse conto erótico faz um jogo com o termo, da gíria da época “Gouveia” ou um homem velho que deseja garotos jovens” (GREEN, 2000, p. 69). Ele prossegue: “A incrível similaridade

entre elementos dessa história e os relatos – da época e posteriores – sobre a vida pública dos homossexuais no Rio confere ainda maior valor ao conto, como uma fonte para decodificar os meandros das atividades homoeróticas dos *putos* e *frescos* no Rio de Janeiro no início do século XX” (GREEN, 2000, p. 69).

Isso, conforme o autor, por conta da ambientação do conto em torno do Largo do Rocio [atual Praça Tiradentes], local de frequência dos *frescos*, ou seja, homossexuais, neste período. “Tudo indica que o autor anônimo de *O Menino do Gouveia* era uma participante real da vida sexual do mundo dos parques públicos do Rio de Janeiro”, comenta GREEN (2000, p. 69). E prossegue: “Na gíria da virada do século e na linguagem desse conto pornográfico, Gouveia é um *fanchono*, o homem masculino que deseja relacionar-se sexualmente com homens femininos” (GREEN, 2000, p. 70).

“Embora o *Menino do Gouveia* seja uma obra ficcional de pornografia, o conto mapeia, de forma bastante precisa, a territorialidade e as opções sociosexuais disponíveis para a maioria dos putos, frescos e fanchonos no Rio de Janeiro da virada do século. [...] Assim como Gouveia e o menino se encontravam nas praças públicas, aos homens que ficavam descansando em bancos de jardim ofereciam-se oportunidades intermináveis para encontrar os companheiros sexuais esperados” (GREEN, 2000, p. 72).

Enfim, Green supõe que o nome/gíria “Gouveia” é apenas uma gíria para os homens mais velhos que procuram jovens garotos na região do Largo do Rocio. Apesar da rica contribuição do historiador brasilianista para estudos no campo da história da homossexualidade brasileira desse período, há uma lacuna que precisa ser preenchida. Principalmente o que diz respeito à utilização do termo “*fresco*” para se referir aos homossexuais

ambientados na região do Largo do Rocio conforme aponta Green. Para isso, foi feita uma pesquisa no acervo de periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Por sua vez, o personagem “Gouveia” ocupa uma narrativa importante – e vasta – em *O Rio Nu* a partir de 11 de julho de 1906. São vários os textos que fazem troça, pilhéria com o “Gouveia”, utilizado – com frequência – como tema dos textos até o lançamento do conto em livreto em fevereiro de 1914. Porém, o conto *O Menino do Gouveia* não se trata de uma compilação desses textos. Quando discute sobre o objeto de estudo do micro-historiador, (D'ASSUNÇÃO, 2001) afirma que “pode ser uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência (por exemplo, um crime) ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que está disposto a examinar”.

Logo, este material disponível no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional é um corpus rico para investigações e análises e merece ser trazido à luz em uma investigação científica para elucidação desse caso. Este assunto, no entanto, trata-se de uma “Micro-História”, pois, conforme afirma D'Assunção (2011), corresponde a um campo histórico que se refere a uma coisa bem distinta: a uma determinada maneira de se aproximar de uma certa realidade social ou de construir o objeto historiográfico. “O que a Micro-História pretende é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos” (D'ASSUNÇÃO, 2011).

A história do Gouveia serviu de tema para outras construções narrativas no período de oito anos nas páginas de *O Rio Nu* de 1906 a 1914 até o lançamento do conto homoerótico. Daí a importância de trazer à luz a construção e a contextualização desta história do texto. “Isso porque a Micro-História procura enxergar aquilo que escapa à Macro-História tradicional, empreendendo para tal uma ‘redução da escala de observação’ que não poupa os detalhes e que investe no exame intensivo de uma documentação” (D’ASSUNÇÃO, 2011).

Como *O Rio Nu* não é uma revista de notícias, seus textos sempre misturam fatos do cotidiano em comentários tanto dos seus redatores como dos seus leitores. Sempre em uma mistura de ficção e realidade. Para sua compreensão, é necessário saber dos fatos ocorridos. Logo, é preciso verificar neste conjunto de textos publicados na revista que citam o “Gouveia” para atestar se se trata de um fato verídico que alavanca o discurso erótico e pilhérico da publicação – durante oito anos e – em torno deste assunto. Tal objeto de estudo, ou seja, as matérias e notas publicadas nas páginas de *O Rio Nu*.

O texto do livreto *O Menino do Gouveia* não será aqui analisado. Apenas servirá de base para o contraponto com o que se publica nas edições de *O Rio Nu*. Assim, na investigação, encontrar indícios que me levem ao fato ocorrido. Enfim, ler o “contexto” ficcional da revista para se chegar ao “texto” (fato) a partir destas leituras para ler o contexto (ficção) no qual a obra literária é criada. Enfim, é preciso ler as entrelinhas escritas por *O Rio Nu* sobre o “menino” e o “Gouveia”. Como processo metodológico, foi utilizado o modelo de *arqueologia e genealogia* de Michel Foucault (2009).

Segundo o autor, a *arqueologia* tem por propósito descrever a constituição do campo, entendendo-o como uma rede, formada na inter-relação dos diversos saberes ali presentes. É exatamente nesta rede, pelas características que lhe são próprias, que se abre o espaço de possibilidade para a emergência do discurso. Já a *genealogia* busca a origem dos saberes, ou seja, da configuração de suas positivities, a partir das condições de possibilidades externas aos próprios saberes. Conforme o modelo do autor, para a análise dos discursos e narrativas, são utilizados, preferencialmente, como corpus de análise documentos e textos.

Foi uma pesquisa com matiz histórico-documental, e necessita de investigação, seleção, catalogação, mapeamento de periódicos raros do acervo digital da Biblioteca Nacional, na coleção da revista *O Rio Nu*. Isso no seu aspecto *arqueológico*, que foi feita na primeira fase da pesquisa. Para tal procedimento, foram utilizadas as palavras-chave “*Gouveia*” e “*Gouvêa*” no sistema de busca do site da Biblioteca Nacional, no acervo de *O Rio Nu*. A partir daí, foram selecionados os textos para transcrição e criação do corpus de análise. Na segunda fase da pesquisa, foi feita uma busca nos três principais jornais diários do Rio de Janeiro, ou seja, o *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio* e *O Paiz*. Isso nas edições dos meses de maio, junho e julho de 1906.

Assim, verificar se – conforme a minha hipótese de pesquisa – se houve um fato de algum “*Gouveia*” e o tal “*menino*”, que viram uma espécie de lenda urbana na figura de um “*tarado*”, um “*violador de ânus*”, ou algo do tipo, nesta narrativa erótica e pilhérica construída pela revista *O Rio Nu*. O procedimento também foi feito pelo sistema de buscas das

palavras-chave “Gouveia” ou “Gouvêa”. Na metodologia foucaultiana, a *arqueologia* e a *genealogia* se constituem como dois conjuntos complementares. Para Foucault (2009 p. 60), a *arqueologia* procura cercar as formas da exclusão, da limitação, da apropriação. Mostrar como se formaram para responder a que necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que força exerceram efetivamente, em que medida foram contornadas.

Já a *genealogia* concerne à formação efetiva dos discursos, quer no interior dos limites do controle, quer no exterior. A crítica analisa os processos de rarefação, mas também de agrupamento e de unificação dos discursos. “A genealogia estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa, descontínua e regular” (FOUCAULT, 2009, p. 65- 66). Foucault entende a *genealogia* como uma atividade de investigação trabalhosa, que procura os indícios nos fatos desconsiderados, desvalorizados e mesmo apagados pelos procedimentos da história tradicional, na busca da confirmação de suas hipóteses. É o que se pode perceber diante da história deste primeiro conto homoerótico brasileiro “*O Menino do Gouveia*”.

## **1. A ambientação do conto “O Menino do Gouveia”**

“Estendido junto a mim na cama suspirativa do chateau, depois de ter sido enrabado duas vezes, tendo na mão macia e profissional a minha respeitável porra, em que fazia umas carícias aperitivas, o menino do Gouveia, isto é, o Bembem, contou-me pitorescamente a sua história com todos os não-me-bulas de sua voz suave de puto matriculado”. Assim inicia a narrativa em primeira pessoa do autor do conto *O Menino do Gouveia*, cujo

pseudônimo é Capadócio Maluco. O autor do conto, que vivencia uma experiência sexual com Bembem, quer saber como o garoto iniciou sua vida sexual como pederasta. Mais que isso. Quer saber como ele entrou na prostituição. Isso na condição de “puto” matriculado, como ele afirma em relação à experiência do rapaz.

Bembem responde a Capadócio Maluco: “– Eu lhe conto. Eu tomo dentro por vocação; nasci para isso como outros nascem para músicos, militares, poetas ou até políticos. Parece que quando me estavam fazendo, minha mãe, no momento da estocada final, peidou-se, de modo que teve todos os gostos no cu e eu herdei também o fato de sentir todos os meus prazeres na bunda”. O jovem garoto diz que começou a sentir atração por homens entre os 13 ou 14 anos, idade “em que todos os rapazes têm uma curiosidade enorme em ver uma mulher nua, ou pelo menos um pedaço de coxa, um seio ou outra parte do corpo feminino, eu andava a espreitar a ocasião em que algum criado, ou mesmo meu tio”.

Bembem diz que morava com o tio casado. Numa noite, foi brechar o tio e a tia fazendo sexo no quarto. “O meu único pensamento era poder apreciar ereto o membro viril do titio”, conta Bembem a Capadócio Maluco. E continua: “Não quis ou não pude assistir ao resto da cena. Eu tinha uma sensação esquisita no cu, parecia que as pregas latejavam. Mais tarde vim a saber que isso era tesão na bunda”. Bembem queria sentir a mesma sensação que a tia sentiu com seu tio. No dia seguinte, o jovem adentra o banheiro onde o tio toma banho, mostrando suas nádegas tenras ao tio e lhe implora: “Titio, você faz comigo o que fez esta noite com titia! Faz sim?”. Enojado, o tio o chama de putinho e o expulsa de casa. Bembem

vaga pelas ruas do centro do Rio de Janeiro à procura de um homem que satisfaça seus desejos. Vaga pelos banheiros públicos e, sem sucesso, vai descansar em um dos bancos do Largo do Rocio [Praça Tiradentes].

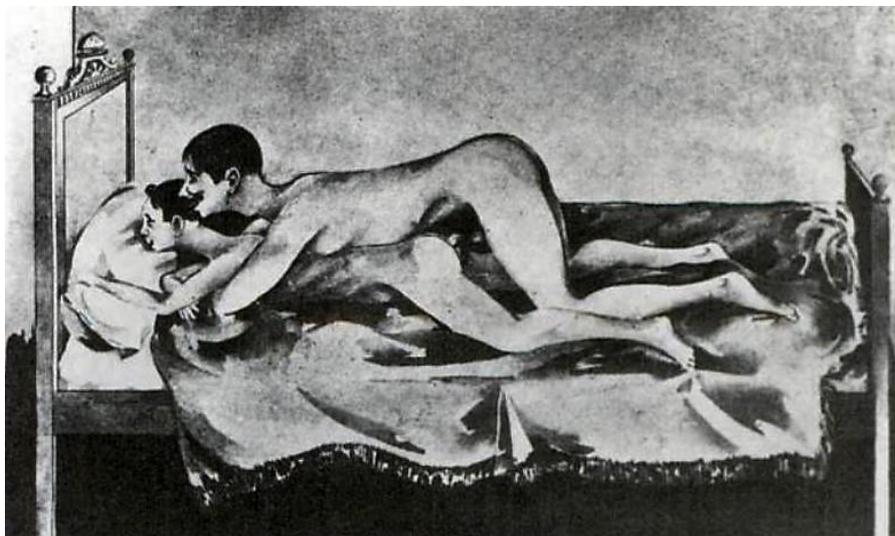


Ilustração do conto *O Menino do Gouveia*, escrito por Capadócio Maluco em 1914  
[Fonte: Green, J. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX]

Lá, um homem mais velho, chamado Gouveia, se aproxima. Conversam e ele convida Bembem para ir ao cinema. No escurinho da sala de exibição, Gouveia acaricia o pênis do garoto e o convida para ir a sua casa no bairro da Lapa para fazerem sexo. Capadócio Maluco, autor do conto, chama o Gouveia de *fanchono* e o Bembem de *puto*. “Embora *O Menino do Gouveia* seja uma obra ficcional de pornografia, o conto mapeia, de forma bastante precisa, a territorialidade e as opções sociosexuais disponíveis para a maioria dos putos, frescos e fanchonos no Rio de Janeiro

da virada do século”, afirma GREEN (2000:72). Segundo o autor, “assim como Gouveia e o menino se encontravam nas praças públicas, aos homens que ficavam descansando em bancos de jardim ofereciam-se oportunidades intermináveis para encontrar os companheiros sexuais esperados”.

O termo “puto” se refere aos rapazes que fazem sexo com outros homens e cobram por tais serviços sexuais na qualidade de devassos, sodomitas, pederastas, onanistas, como são classificados os homossexuais neste período. Outro termo diz respeito ao “fresco”, que se diferencia do “puto” por não cobrar para as práticas sexuais com outros homens, mas que também são homossexuais. Quando aborda a homossexualidade no século XX, GREEN (2000:64) faz um contraponto com as terminologias “puto” e “fresco”. Conforme o autor, no Brasil da virada do século, a palavra “fresco” tem duplo sentido de “puto”. “Também conotando frescor, jovialidade ou amenidade no clima, tornou-se o termo ambíguo comum usado para zombar dos homens efeminados ou daqueles que supostamente mantinham relações anais ‘passivas’ com outros homens. Além disso, os frescos estavam intimamente associados com o Largo do Rocio”, afirma Green.

No entanto, o termo “*fresco*” não advém do século XX, mas do século XIX. E está relacionado diretamente ao Largo do Rocio. Vejamos como se estabelece esta relação. O Largo do Rocio, no centro do Rio de Janeiro, passa a se chamar oficialmente Praça da Constituição em 2 de março de 1822. Isso pelo fato de um ano antes D. Pedro I, junto com D. João VI, prometera elaborar uma Constituição, em discurso à população quando estava na sacada do Teatro de São João [atual Teatro João Caetano],

no Largo do Rocio [Praça Tiradentes]. De pronto, a promessa não foi cumprida. Para lograr a população, dão ao Largo do Rocio o nome da Praça da Constituição, mas o nome não pega e continua sendo chamado de Largo do Rocio pela população.

No entanto, a relação dos homossexuais com o Largo do Rocio vem desde o dia 25 de março de 1862, quando é inaugurada a primeira escultura monumental na terra brasilis: a estátua equestre de D. Pedro I. A obra, em bronze fundido, é projetada pelo artista plástico brasileiro o João Maximiano Mafra (1823-1908) e executada pelo escultor francês Louis Rochet (1813-1878) em Paris. A implantação da estátua faz parte das comemorações dos 40 anos da independência do Brasil. Intitulado de “*Independência ou Morte*”, o monumento é fixado no centro do Largo do Rocio, oficialmente nomeado como Praça da Constituição [atual Praça Tiradentes]. A majestosa estátua vira ponto de referência para os moradores da capital. Também ponto de encontro. Ah, como reclama-se do calor tropical do Rio de Janeiro! Ainda mais pela volumetria das vestes, à moda europeia, utilizada nos trópicos.

Locais urbanizados, ao ar livre, arborizados e ventilados tornam-se o sonho de consumo dos moradores. Todos querem “tomar fresco”, como se diz, nestes lugares. Paulatinamente, a estátua de D. Pedro I transforma o entorno da cena pública da Corte no Largo do Rocio. Local que se vai para se encontrar, conversar e, sobretudo, “tomar fresco”. Para lá, ruma a elite, as famílias honradas, as pessoas de bem. “Vou direto ao Largo do Rocio, onde agora se encontram reuniões de todas as jerarquias da nossa sociedade”, diz o colunista “Dr. Borrachudo”, na revista *Semana Ilustrada*.<sup>7</sup>

O Largo do Rocio continua como o centro da urbanidade do Império. Principalmente para passeios pelos jardins no entorno da estátua de D. Pedro I para se tomar fresco. “Em uma tarde destas dirigimo-nos ao jardim do Rocio a gozarmos um pouco do fresco e aromas das flores”, diz um texto publicado no *Correio Mercantil* (1848-1868).<sup>8</sup> Lá, ao cair da noite, os atos libidinosos entre homens são recorrentes. Para evitar tal depravação, a Câmara Municipal decide gradear o jardim. É 14 de novembro de 1864 quando o *Correio Mercantil* reclama da decisão. “Roga-se a ilustríssima Câmara Municipal que não permita o engenheiro, ou pessoa encarregada de colocar um gradil em roda do jardim do Rocio, o leve a acabar em ângulo reto nos quatro cantos da referida praça, como parece que pretende fazer”.<sup>9</sup> Não tem jeito. Começa o gradeamento.

Ainda assim, os atos libidinosos entre homens continuam a acontecer. Desta vez, circunscritos pelos gradis dos jardins do Largo do Rocio. É 8 de janeiro de 1866. O *Correio Mercantil* publica nota que mostra o controle de um guarda para que não cometam atos libidinosos no jardim do Rocio na calada da noite. “Anteontem reunia-se grande número de pessoas a uma das portas do jardim do Rocio, que para ali iam a tomar fresco, e tiveram, afinal, de retirar-se, pois o respectivo guarda, armado de um pau, proibia o ingresso ao público. Parece que a hora marcada para se fechar o jardim é meia-noite, e caso deu-se pouco depois das 10 horas”.<sup>10</sup>

Assim, o local vai se tornando local de furtivos encontros sexuais entre homens com tipos afeminados e tipos masculinos. O local ganha má fama. Com isso, aquelas pessoas que íam passear para tomar fresco deixam de frequentar o local. É 2 de dezembro de 1877. Um sujeito, cujo

pseudônimo é “Tragaldabas”, que significa “comilão” em espanhol narra – como um bom conhecedor – sobre os locais de encontros sexuais entre homens no centro do Rio de Janeiro. Na sua crônica semanal, cujo título é sempre “*Ao Acaso*”, escrita na coluna *Folhetim da Gazeta de Notícias*, diz: “Não sei se o leitor já ouviu dizer que há um jardim no Largo do Rocio. Provavelmente não tem notícia disso. Sabe-se que há naquela praça uma estátua, mas poucos se ocupam com o jardim onde, entretanto, eu costume passear”.<sup>11</sup>

O texto faz piada com o vicioso hábito de encontros sexuais entre homens. Inclusive, com aqueles que se vestem de mulher no jardim do Largo do Rocio, sob os olhos da Estátua de D. Pedro I. A partir daí, o tal “Tragaldabas” descreve os códigos utilizados por quem conhece e frequenta o local. “Passeio, portanto, no jardim do Rocio, quando as tardes são frescas por causa do fresco, e quando as tardes são quentes por causa do calor”.<sup>12</sup> A partir deste período, o termo “*fresco*” passa a rotular os sodomitas, os invertidos que fazem sexo naquele local. Como o Largo do Rocio era um local para se “tomar fresco” nas noites de calor, dão a alcunha de “*fresco*” aos homossexuais que frequentam aquele lugar. A partir daí, à boca miúda, o jocoso termo se populariza e cai na boca do povo.

*O Rio Nu* mostra a prática comum de homens que fazem sexo com outros homens. Estes, de tipo masculino, são os chamados fanchonos, que fazem sexo com os afeminados frescos. É 6 de outubro de 1900. “*O Rio de Janeiro vive a noite na Praça Tiradentes*”. Este é o texto da coluna “*Rio à Noite*”, de *O Rio Nu*, que faz uma radiografia dos tipos que frequentam o Largo do Rocio para aventuras sexuais. Segundo o texto, das 20h em diante começam

as movimentações no local por onde “transitam frequentadores de teatros e onde estacionam os conquistadores, os bolinas e os viciosos”. E continua: “O jardim fecha às 10 horas [22h]. Até essa hora os bancos são ocupados por uma ou outra mulata da vizinhança, por alguns cavalheiros já maduros que ali vão *conversar* com certos *moços* adamados, infalíveis e tradicionais frequentadores que vão tomar... fresco”.<sup>13</sup>

Mais adiante, com a reforma de revitalização e higienização do centro do Rio de Janeiro feita pelo prefeito Pereira Passos, os gradis dos jardins do Largo do Rocio são retirados para evitar a depravação dos frescos. É 6 de junho de 1903 quando o colunista que assina como “X”, na coluna “*A Vida no Rio*”, de *O Rio Nu*, aborda as reformas de Pereira Passos. O colunista lembra do antigo formato cercado do jardim e o temor de entrar naquele espaço. “No tocante a jardins, a educação do nosso povo ainda está por fazer. Basta dizer que ainda há pouco tempo, quando o jardim da Praça Tiradentes [Largo do Rocio] era maior, ninguém ali podia entrar a certas horas sem receio de incorrer na pecha de ativo, o que era mau, ou de passivo, o que era pior”.<sup>14</sup>

A partir daí, o colunista justifica: “E como aquele jardim era um lugar aonde se ia para tomar fresco, deram a designação de *frescos* a esses desgraçados que fazem ao seu próprio sexo a maior injúria que se lhe pode fazer”. O colunista defende a reforma urbanística. Diz que ela é a responsável pela regeneração do Largo do Rocio. Assim, destila sua ojeriza aos frescos. “Hoje, ao que parece, o jardim do Rocio está regenerado; pelo menos já lá não se encontram, como outrora, certos sujeitinhos imberbes, de cara empoadada, gravata vermelha, cabeleira grande, chapelesque de palha,

posto à banda, e paletó curto, para mostrar melhor a *merchandise* [mercadoria]. Não creio que o gênero tenha desaparecido do mercado; mas, em todo caso, escasseou, e isto já é alguma coisa”, conclui o colunista.<sup>15</sup> É nesta atmosfera do Largo do Rocio que o conto *O Menino do Gouveia* utiliza como inspiração para a sua narrativa erótica.

## 2. O personagem Gouveia na revista *O Rio Nu*

É 11 de julho de 1906 quando *O Rio Nu* começa a publicar textos sobre o deflorador de ânus, ou seja, o Gouveia. O versículo intitulado “*O Gouveia*” diz: “Não fujas, meu querubim/ Não fujas, minha sereia,/ Não tenhas medo de mim./ Eu não sou o tal Gouveia...”. O texto é assinado por um tal “Surigo”.<sup>16</sup> Na mesma edição, *O Rio Nu* já conta com um torneio de pequenas estrofes em versos, com um desafio inicial. É lançado em forma de “mote” para os leitores, que devem entrar na sacanagem da proposta e completá-lo. É o que se chama de “glosa”. O desafio é mensal. O mote do *Torneio de Julho* é: “*Se o Gouveia te segura, perdes a fala, menino*”. As respostas serão publicadas em edições posteriores. A partir de então, o sobrenome “Gouveia” entra na construção discursivo-erótica de *O Rio Nu*, que também adota o “*Concurso de Resposta*” de forma interativa com seus leitores.

É 14 de julho de 1906. Na seção “*Comentários*”, a revista *O Rio Nu* comenta: “Um senhor Teixeira foi queixar à polícia de que o filho foi amordaçado por ladrões que lhe tiraram a quantia de um conto de réis”. Após a informação, o comentário com referência ao Gouveia. “Pois olhe que ainda teve muita sorte, poderiam ter-lhe tirado outra coisa. E se do tal

conto de réis tivessem deixado 999\$940, levado só o resto... isso é que era o diabo. Há visto o caso do Gouveia”.<sup>17</sup> É 18 de julho de 1906. *O Rio Nu*, na seção “*Semana Despida*”, escreve sobre “um peralta de fama, chamado José Pereira do Amor Divino”, que “esmurrou de tal maneira a sua amante, que se chama Maria da Conceição, que a fez até ficar cega de uma vista”. Além de condenar a violência à mulher, a coluna exprime sua revolta fazendo trocadilho com pau/madeira com pau/pênis. “Ora aí está, se a gente pega, semelhante grosseirão, e com um pau, que logo enrista, lhe faz o que o tal Gouveia, fez ao outro... Que arrelia!”, afirma *O Rio Nu*.<sup>18</sup>

Ao lançar sua edição de 21 de julho de 1906, *O Rio Nu* divulga as respostas à pergunta “*Por que que o Gouveia é tão popular?*”. “Por ter forçado,/ Lá no Sampaio,/ Um pobre velho/Comer um paiol!...”, responde um tal “B. Ato”. Outro por nome A. Ribeiro responde que é “Porque covarde, ele faz/ O contrário do valente:/Este ataca pela frente/ Ele ataca só por trás”. Após publicadas as respostas dos leitores, *O Rio Nu* já emenda outra pergunta: “*O que é que fazem depois das 10 certos meninos no Largo do Rocio?*”. Enfim, aquele local de encontros entre homens. Embora a pergunta não faça referência ao Gouveia, as respostas publicadas fazem. Um texto afirma: “Esses meninos que andam/ Depois das dez a flandar,/ Desejam, caros leitores,/ o tal Gouveia encontrar.../ Seguindo à risca o conselho/ Deste provérbio bem velho/ Que diz: ‘Quem não tem dinheiro/ Faz do seu c... candeeiro’”, assina “B. Ato”.<sup>19</sup>

O Gouveia vira fixação da revista erótica ou inspiração. A ponto de virar até cançoneta, que – segundo *O Rio Nu* – trata-se de uma “cançoneta para ser cantada com a música da Peste Bubônica”. É 25 de julho de 1906

quando a letra é publicada na seção “*Teatro d’O Rio Nu*”. “A minha sogra, uma velha/ Que, já não *corre perigo*,/ Porque lhe falta uma orelha/ E outras coisas que não digo.../ De casa não sai sozinha, inda se julga tetéia,/ E, tem medo – coitadinha!/ Que lhe apareça o Gouveial...”, diz um trecho. Outro fragmento aborda os frescos do Largo do Rocio. “Uma noite no Rocio,/ Ia passando um rapaz/ Desses que têm pouco brilho,/ Com a calça rota por trás.../ Eis que o aborda um sujeito/ E o convida pra uma ceia:/ O convite foi aceito.../ Foram brincar de Gouveial...”.

Todas as referências dizem respeito à prática do sexo anal. “Uma senhora eu conheço/ Que tem dezenas de amantes,/ Que lhe pagam por bom preço/ Os seus carinhos constantes.../ Tem joias de alto valor,/ De dinheiro ela anda cheia,/ E, ganha-o fazendo amor.../ Amor à moda Gouveial...”.<sup>20</sup> É 28 de julho de 1906. No torneio de perguntas e respostas, *O Rio Nu*, mais uma indagação faz: “*Por que todos fogem do Gouveia?*”<sup>21</sup> Já é 8 de agosto de 1906. “*Quando um Gouveia vem atrás de nós, o que devemos fazer?*”, questiona *O Rio Nu* no seu “*Concurso de Respostas*”.<sup>22</sup> O personagem Gouveia ocupa uma narrativa importante – e vasta – naquela publicação. São vários os textos que fazem troça, pilhéria com o “Gouveia”. Tal nome vira gíria. Vira lenda urbana. Gouveia passa a ser um tipo de tarado, um maníaco sexual fixado, unicamente, no coito anal na posição ativa.

É um deflorador de ânus a solta na cidade. Na mira do Gouveia, conforme a narrativa de *O Rio Nu*, estão as inocentes donzelas, as senhoras respeitáveis, os senhores e os rapazolas descuidados, os jovens frescos do Largo do Rocio, os meninos e as meninas nas escolas. Ninguém escapa da tara anal do Gouveia. Já na seção “*Cenas da Vida*”, apresenta o poema “*Conto*

*Histórico*”, assinado pelo “*Dr. Queroquero*”, no nº 839, p. 2, de 21 de julho de 1906.

### Conto Histórico

Miloca, moça namorada, muito vaidosa, gostava imensamente de um rapaz chamado Gouveia, e esse amor era correspondido mutuamente.

Miloca para mostrar sua inteligência ou vaidade, só lhe escrevia em verso; Gouveia por sua vez procurava, embora mal imitar a sua namorada.

Um dia, como é de costume, haver zanga entre os dois, por ciúmes, depois de passado o arrufo, Miloca escreveu-lhe:

“Eu goto de seu Gouveia  
Consigo quero casar  
O meu coração anseia  
Mortinho pra lhe falar.”

O portador das cartas, era um moleque, cria da casa, que conhecia a fundo as malandragens de seu Gouveia e apresenta-se muito lampeiro com a resposta da carta. Miloca mais que contente leu o seguinte:

“Seu Gouveia está doente  
Deveras escangalhado  
Se Miloca está presente  
Não virava doutro lado.” [...]

(*O Rio Nu*, nº 839, p. 2, 21 de julho de 1906)

Já seu nº 840, p. 2, de 25 de julho de 1906, *O Rio Nu* traz o texto intitulado “*O Banquete Nabuco*”, sobre um jantar para os sociais da alta roda em homenagem ao político, diplomata, historiador, jurista, orador e jornalista pernambucano Joaquim Nabuco (1849-1910). “*Depois não querem que a gente diga que o graúdo come*”, afirma o texto, que vai narrando as gulodices de alguns dos presentes no jantar. Aproveita e faz piada com o tal Gouveia. “O Souto do *Correio da Manhã* é que mais parecia um ex...fomeado; comeu mais do que uma dentada de pulga. O dr. Leitão da Cunha até ficou com

medo que ele o confundisse com o outro, o recheado, e pediu manutenção ao dr. Godofredo também da Cunha, mas este declarou que não era carne nem peixe. Esse aviso tinha, naturalmente, por fim evitar os olhares do Souto que parecia disposto a comer até algum marmanjo, à moda do Gouveia”.

Já na sua edição nº 841, de 28 de julho de 1906, *O Rio Nu* publica os pequenos textos enviados pelos leitores para a pergunta, anteriormente, feita: “*Por que é que todos fogem do Gouveia?*”. “É por que tem o defeito/ De não ser mau/ E se nós que apanha o jeito, mete o pau (A. RIBEIRO)”, diz uma resposta. Outra vai na mesma linha da sacanagem: “Em resposta eu me achego,/ Com receio de ser ofendido!.../ Dizem que ele é bem servido/ E em quem ele meter o dedo/ Fica com o negócio perdido,/ Por isso todos, fogem de medo. (K. MELLO)”. Na mesma edição nº 841, de 28 de julho de 1906, *O Rio Nu* publica mais um textinho na seção *Cromos*. “Quero-te tanto, querida!/ Só por ti minha alma anseia,/ Quando pedes, mal contida, /Para eu ser o teu Gouveia. (BARRIGUINHA DE INVEJA)”.

A coluna “*Carteira do Peru*”, com notas curtas, vai na mesma linha do Gouveia. “Dizem que o Aníbal não quer ser chamado de Favila porque é sinônimo de Gouveia ou de *carona*. Assim diz a Rozalina”, diz o texto da edição nº 841, p. 7, de 28 de julho de 1906.<sup>23</sup> Na coluna “*Semana Despida*”, da edição nº 842, de 1º de agosto de 1906, há uma crítica sobre o incentivo ao pan-americanismo, pois são uns “*pan-degos*” [pândegos]. Assim, criticam alguns argentinos – que visitam o centro do Rio de Janeiro – e chamarem os brasileiros de “macaquitos”. “Em todo o caso, desejo que um desses tipos cretinos, vergonha dos argentinos, tenha ensejo de encontrar o *seu*

Gouveia, que é para nunca mais dizer grosseria assim tão feia. Sim, que se um dia o Gouveia atrás dele aparecer, o marreco há de gemer com uma banana a valer”

Os textos da revista sempre misturam os fatos reais em forma de ficção. Para sua compreensão, é necessário saber dos fatos ocorridos. São escritos que – mesmo em sua atualidade – deveria se saber o texto (fato) principal para ler o contexto ficcional. Enfim, as entrelinhas escritas por *O Rio Nu*. É o que acontece com o texto também do nº 842, de 1º de agosto de 1906, intitulado “*Convento de São Fancha*”. Trata-se de um trocadilho com o *Largo de São Francisco de Paula*, no centro do Rio de Janeiro, onde fica a igreja de mesmo nome. O largo é frequentado por homossexuais no período, que usam como modismo – e também como código de identificação – gravatas vermelhas.

A região é ponto de encontro desses rapazes, muitos deles na prática da prostituição, com outros homens. De lá, eles vão fazer sexo nas hospedarias que circunvizinham o largo. Daí *O Rio Nu* faz trocadilho do nome “Francisco” com “Fanchono”, como é chamado de forma pejorativa o homossexual ativo na relação sexual, ou seja, um “*fancha*” no reducionismo da palavra. O texto trata sobre “*o casto Deiró Junior*”. A própria edição nº 842, de 1º de agosto de 1906, traz as respostas do “*Concurso de Resposta*”, referentes ao “*Torneio de Julho*”. Eis a pergunta: “*O que fazem depois das 10 certos meninos no Largo do Rocío?*” Das três explicações, duas se referem à figura do Gouveia.

“Procuram ver a paisagem./ Ou que o Gouveia os acuda/ E lhes dê para viagem/ Alguma ajuda. (A. RIBEIRO).” Outra resposta diz: “Esses

meninos que andam/ Depois das dez a flamar,/ Desejam, caros leitores,/ O tal Gouveia encontrar.../ Seguindo à risca o conselho/ Deste provérbio bem velho/ Que diz: “Quem não tem dinheiro/ Faz do seu c... candeeiro”. (B. ATO)”. Até quando o Gouveia não é mote para o concurso, ele é citado. É o que ocorre do “*Torneio de Julbo*” para o mote “*Se apanho o teu mato grosso, faço intervenção armada*”. Uma glosa da edição nº 842, de 1º de agosto de 1906, também fala do Gouveia:<sup>24</sup> “De jaca corto o caroço,/ No maxixe me descolo;/ Tenciono entrar no bloco/ *Se apanho o teu mato grosso.*/ Embora eu veja um colosso,/ Nessa *província* danada,/ Se lá chegar minha espada/ A coisa se torna feia;/ Pelo sistema Gouveia/ *Faço intervenção armada.* (FÉRA BRAZ).”

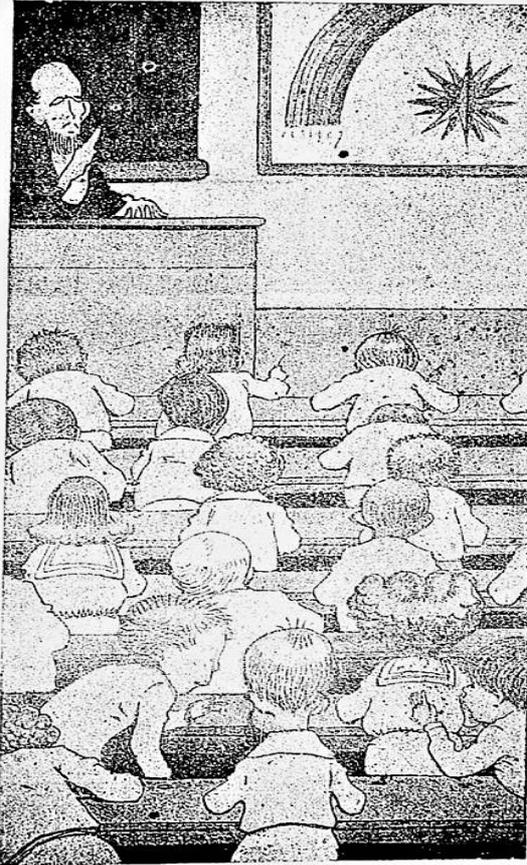
Na *Coluna do Peru*, a nota na mesma edição nº 842, p. 7, diz: “– Que mania a do Salomézinho andar importunando os meninos... Livra que Gouveia roxo, nem o *loiro* escapou”. Cada vez mais, o Gouveia se torna presente em *O Rio Nu*. Para o erotismo pilhérico de *O Rio Nu*, nem as crianças escapam da tara do Gouveia. Em uma ilustração publicada na sua edição nº 868, de 31 de outubro de 1906, o periódico mostra uma sala de aula cheia crianças, que estão de costas. Abaixo da imagem, a legenda: “Quanto não daria o Gouveia para estar onde está o leitor, por detrás de todos esses meninos?”.

É 23 de novembro de 1907. *O Rio Nu* faz referência às agências internacionais de notícias que utilizam o novo termo. Para isso, faz referência àquele que virou lenda urbana como deflorador de ânus. “Vocês lembram do Gouveia? Dizem que ele quando saiu da prisão foi para a Europa. Pois parece que tem feito escala por lá”, afirma a nota da seção

“*Comentários*”, assinada por um tal de Zé Fidelis. Em seguida, a nota correlaciona o Gouveia com o general alemão Moltke, envolvido em acusação de homossexualidade.

“Na Alemanha houve um escândalo colossal, e até um ajudante de ordens do imperador foi preso por ser fan... quero dizer, famoso nisso que os telegramas chamam discretamente de homossexual”, diz o Zé Fidelis numa intencionalidade de escrever “fanchono”, como se chama por aqui o homem que assume papel masculino de gênero e é ativo na relação sexual com homens afeminados, ou seja, os frescos. “Agora dizem telegramas de Paris, que foram presos lá vários oficiais de marinha por gostarem da mesma coisa. Livra! Eu já fico desconfiado quando vejo alguém atrás de mim”, finaliza Zé Fidelis.<sup>25</sup>

## PERGUNTA



Quanto não daria o Gouveia para estar onde está o leitor, por detrás de todos esses meninos?

Figura: Diz a legenda da charge publicada em *O Rio Nu*, nº 868, de 31 de outubro de 1906: Quanto não daria o Gouveia para estar onde está o leitor, por detrás de todos esses meninos?

Fonte: Biblioteca Nacional

É 8 de agosto de 1908. Ao lançar sua 844ª edição, *O Rio Nu* publica o resultado do “*Concurso de Resposta*”, do torneio de julho, cuja pergunta é: “*Quando uma mulher te lança olhares ternos, que que é que te pede?*”. Uma das respostas faz alusão ao Gouveia. “Me pede, se não me engano,/ Que lhe *desmanche a colmeia/ Do seu pan-americano,/ Fazendo-me de Gouveia* (B. ATO)”. E assim, a partir da imagem do Gouveia, *O Rio Nu*, segue na sua construção erótica cheia de graça ao longo dos anos a partir do ano de 1906 até o lançamento do primeiro conto homoerótico *O Menino do Gouveia*. Mas qual a origem desse tal Gouveia?

### **3. O Caso do Gouveia: a notícia publicada no jornal de 1906**

É 18 de junho de 1906. Na primeira página, o jornal *O Paiz* escreve em letras garrafais: “*REVOLTANTE! Atentado contra um homem respeitável*”. Após o alarde no título, o jornal diz o que aconteceu. “O que chegou ao conhecimento da polícia da 15ª circunscrição revolta e enoja. Um homem respeitável, de 40 anos, chefe de família e carregado de filhos, segundo sabe a polícia, foi vítima, na noite de 11 do corrente, de um atentado brutal, cometido por um indivíduo de idade avançada, negociante, que para executar o crime fez-se auxiliar de dois outros indivíduos, assim, tonados cúmplices de tal ignóbil ato”, diz.

Porém, não explicita qual o ato cometido. Segundo a notícia, este homem de 40 anos esteve na noite de 11 de junho “no botequim que confina com o armazém da rua Vinte e Quatro de Maio, esquina da de Antunes Garcia, até as 10 horas, quando só fecharam as portas da casa”. As ruas Vinte e Quatro de Maio e Antunes Garcia ficam no bairro Sampaio,

na zona norte do Rio de Janeiro. “Nessa ocasião, estando um pouco alcoolizado, esse homem tentou sair, mas não o deixaram. No espírito do dono da casa, Manoel Gouveia, parara e tomara vulto uma ideia de libidinagem doentia e asquerosa”, prossegue.

A matéria diz que o Gouveia agarrou o homem, “cujo aspecto lhe deveria inspirar somente respeito”, ajudado por mais dois indivíduos, “que se prestaram a essa covardia imoral”. Os indivíduos foram um caixeiro daquele armazém e um homem conhecido por Domingos Carpinteiro. Após a narrativa, a consumação do atentado: “E foi o pobre homem violentado por Gouveia, que deu, desse modo, posto a uma estranha e monstruosa bestialidade”. Por fim, *O Paiz* informa que “a polícia da 15ª circunscrição, que recebeu a queixa do próprio ofendido, assim como o narramos, mandou-o ontem a exame de corpo de delito, no gabinete médico legal”.

Apesar de *O Paiz* ser o único jornal a noticiar o fato, rapidamente, a notícia se espalha. Assim, o nome do Gouveia cai na boca do zé povinho, como se diz. É a partir desta notícia publicada em *O Paiz* que se inicia toda uma narrativa de pilhéria e deboche em torno do nome “Gouveia” em *O Rio Nu*. O tempo passa. É 23 de fevereiro de 1907. Oito meses após a denúncia, a polícia conclui o processo do comerciante Manoel Gouveia, acusado de ter violentado sexualmente um pai de família de 40 anos. O jornal *O Paiz*, que havia dado a notícia, em 18 de junho de 1906, volta a noticiar sobre “*O Caso do Gouveia*”, como escreve em letras garrafais, seguido do título da matéria: “*Um trama diabólico: o relatório do delegado*”. Desta vez, o jornal publica o nome da vítima.

Trata-se de “Luiz Mendes de Mello – “Lulu”, como o conhecem”, informa o jornal.<sup>26</sup> Lulu é morador do bairro do Sampaio, “conhecido ali como ébrio habitual”. Diz o jornal que naquela noite de 11 de junho, Lulu “dizia a mais de uma pessoa, com a leviandade própria dos alcoólicos, que o tinham maltratado, e de maneira pouco compatível com a sua dignidade de homem. E não tardou que afirmasse decididamente que quem o maltratara na véspera à noite fora o negociante Manoel Gouveia, dono de um armazém naquela rua, o qual praticara com ele coisas que praticadas com uma dama levariam o autor a entender-se com o Código Penal”.

E continua: “Não poupou detalhes ao caso estranho; disse que entrara, já meio ébrio, na casa do Gouveia, sem reparar que estavam já a fechar as portas; pedira qualquer coisa para tomar e fora depois agarrado por dois caixeiros robustos, que o levaram para o fundo da loja, onde o Gouveia o obrigou a tomar justamente o que ele não pedira nem queria. Citou frases do negociante que lhe batiam nas faces como uma vergasta”. O jornal lembra que “essa história correu o mundo”. Assim, “divulgou-se na curiosidade popular, formou uma atmosfera de prevenção picaresca em torno do nome e da casa do negociante. Ninguém mais entrava ali que não fosse alvo de uma zombaria, à guisa de prevenção, em que o caso do ‘Lulu’ vinha à tona”, lembra.

O *Paiç* diz ainda que “o próprio vendeiro não podia mais sair à rua sem se ver perseguido de remoques e apodos”.<sup>27</sup> Conta o jornal que “de uma feita, teve que ir à pretoria, precisamente para se justificar, e a vaia com que o populacho o recebeu foi tal, que ele teve de retirar-se às escondidas, protegido, indo tomar o trem em outra estação para regressar ao [bairro do]

Sampaio”. Após o ocorrido, Gouveia fecha o armazém. “A terminação dessa história foi a retirada – para Portugal, diziam uns, para São Paulo, afirmavam outros – desse infortunado homem, que ainda teve, por cima de todos os males, de figurar nas sátiras de Carnaval”, conta.

Por fim, *o Paiç* afirma que, após a averiguação policial, “é que toda essa infamíssima história do ‘Lulu’ e as terríveis consequências que dela provieram, não passaram de uma trama diabólica de inimigos do negociante, oficiais do mesmo ofício talvez, que insinuaram a perversa sugestão no ébrio e organizaram depois a terrível campanha de má fama e ridículo, admiravelmente urdida, para inutilizar Manoel Gouveia, como inutilizaram até hoje”. Além disso, o jornal assegura que “os remoques, as vaias, a apupada do zé-povo, tudo foi trama”.<sup>28</sup>

Segundo o jornal “Manoel Gouveia comprara uns terrenos não construídos na rua Antônio Garcia e ali fizera casas, onde estabelecera vários gêneros de negócio. O comércio prosperou; e o meio de que puderam lançar mão para aniquilar uma figura odiada foi esse. O ébrio foi um instrumento”. Ainda por cima, as investigações levantam suspeitas quanto à sexualidade de Lulu, mas não nega que ele tenha tido o ânus violado. “Parece certo que esse indivíduo, de quem dizem que tinha vícios mais reprováveis ainda do que a embriaguez, sofreu a violência de que se queixa”.

Segundo informa o jornal, uma testemunha diz ter visto dois indivíduos próximos a Luiz Mendes de Mello, “quando se aproximava do ébrio, caído na rua”, que o levantaram do chão. Estes dois desapareceram suspeitamente do bairro. “A versão aceitável é que ‘Lulu’, sabendo-se

maltratado, e não podendo, pela inconsciência da noite anterior, determinar a agressão, fixou na ideia a sugestão que um malévolo fez a respeito de Gouveia, em cuja casa esteve naturalmente a beber”, finaliza *O Paiç*. No seu relatório, publicado também em *O Paiç*, o delegado Eusébio de Queiroz afirma que “este processo é o resultado de um dos mais curiosos inquéritos que até esta data têm preocupado a atenção e tomado o tempo à polícia”. No entanto, ele leva em consideração a vida pregressa de Lulu para dar seu parecer.

“Assim é que a suposta vítima sendo, como é, um alcoólico habitual e, portanto, quase um irresponsável, sem imputabilidade moral, parecendo já um desequilibrado, devido sem dúvida aos excessos das libações, muito facilmente podia prestar-se, como aliás parece ter se prestado plano de agressão contra a honra e o bom nome comercial de um homem que afinal é a verdadeira vítima”. O delegado diz ainda que “parece realmente que um perverso inimigo de Manoel Gouveia, o acusado, agachado por trás de um anonimato, dispondo de uma diabólica imaginação no intento evidente de desconceituar aquele comerciante, ou por vingança ou visando fins de interesse particular forjou esse abominável projeto para entrega-lo perplexo e acabrunhado não só às mãos da justiça, como à execração e ao desprezo público”.

O delegado informa ainda que o tal inimigo de Manoel Gouveia precisava de alguém para levar seu plano adiante. Daí, ele cita o “Lulu”. “E como para levar avante esse indecoroso atentado houvesse necessidade de um comparsa que dócil e inconsciente, se prestasse ao torpíssimo papel de vilipendiado, tratou de ajeitar um alcóolico, a quem num dado momento

fez beber tanto que chegou a perder a noção de si mesmo, e nesse estado o obedeceu a ponto de convencê-lo que efetivamente fora vítima de um atentado ao seu pudor”.

Além disso, o delegado afirma que, bêbado, Luiz Mendes de Mello, o Lulu, não tinha condições de afirmar sobre o atentado que, supostamente, sofrera. “É o próprio Luiz Mendes de Mello a suposta vítima deste imaginário delito que ‘confessa’ no seu depoimento de fls. 2. que na noite da infâmia em questão, estava completamente embriagado e nesse deplorável estado, caído em ponto distante da casa de Gouveia, onde foi encontrado pela testemunha de fls. 29, que o fez carregar para o quarto onde residia, por um popular de um empregado de sua casa de negócio”.

Após ouvidas as testemunhas, o delegado afirma que “do minucioso inquérito presente nem a mais leve sombra de prova existe, que possa fazer crer na culpabilidade de Gouveia”. Sendo assim, “todas as provas tendem a demonstrar que tal delito não foi praticado e se o foi, não podia ter sido por Gouveia, cujo estado de saúde o inabilitava e ainda o inabilita para a prática de tais empresas de libidinagem”, afirma. Cita ainda o relatório, observações dos médicos legistas da polícia, quer no queixoso, que no indiciado, e assim conclui: “Tudo isso não passa de uma ignóbil vingança. O queixoso Luiz Mendes de Mello é um instrumento digno de lástima de se utilizarem para fins inconfessáveis”.

Feitas as considerações, o delegado Eusébio de Queiroz é taxativo. “Manoel Gouveia não é autor do delito que lhe imputam e sim uma vítima dessa trama desmoralizadora urgida covardemente para marcar sua repetição de um homem sério e negociante honesto”. Sendo assim, o juiz

criminal julga improcedente a denúncia contra o negociante Gouveia e manda arquivar o processo.<sup>29</sup> Vai-se a acusação, mas fica a fama.

### **Considerações finais**

Como pode se ver o conto fictício homoerótico *o Menino do Gouveia*, publicado em formato de livreto pela revista *O Rio Nu* em 1914, é inspirado na suposta violência sexual que envolveu o senhor comerciante do Rio de Janeiro Manoel Gouveia, como agressor, e um homem de 40 anos, que não tem seu nome revelado na notícia publicada em 18 de junho de 1906 no jornal *O Paiz*. O fato da violência sexual envolvendo dois homens é motivo de revolta, como diz o jornal: “REVOLTANTE! Atentado contra um homem respeitável”. Também é motivo de deboche por parte da população, como se percebe na publicação erótica masculina *O Rio Nu*.

O escárnio fica por conta de envolver o intercuro anal homossexual. Pelo que parece, o caso de violência sexual chamou a atenção da população mais pelo fato da denúncia feita à polícia de um caso de violência sexual envolvendo dois homens. Como pudemos verificar, há uma justificativa por parte da polícia, na matéria publicada em *O Paiz* de 23 de fevereiro de 1907, oito meses após a denúncia. Na matéria, a polícia insinua que a vítima, Luiz Mendes de Mello, cujo apelido é “Lulu”, seja homossexual. Isso na parte do final das investigações quando alega que “parece certo que esse indivíduo, de quem dizem que tinha vícios mais reprováveis ainda do que a embriaguez, sofreu a violência de que se queixa”.

A homossexualidade neste período também é chamada de “vício”. Logo, dá a entender que este é o comportamento mais reprovável do que a embriaguez. Assim, rechaçar ou minimizar o ato cometido por parte de Manoel Gouveia. Embora o Gouveia tenha sido absolvido da acusação, ganha má fama. Assim, o Gouveia se torna lenda urbana como deflorador de ânus. Ele aparecerá sempre nas pilhérias safadas de *O Rio Nu* por 8 anos até o lançamento do conto *O Menino do Gouveia*, em 1914, e após isso, para se referir a uma espécie de maníaco por sexo anal. Torna-se também um termo para se nomear os homossexuais diante deste caso de violência sexual, que ficou conhecido como “O caso do Gouveia”.

Ainda em *O Rio Nu*, e na boca do povo, quando relacionado aos homossexuais, “Gouveia” é um uma espécie de *fanchono*, ou seja, um homem com tipo masculino que deseja relacionar-se sexualmente, na posição ativa, com rapazes afeminados. Enfim, os *frescos* ou os *putos*. Os chamados *putos* cobram pelo serviço sexual prestado. Numa outra micro-história explanada no texto, a alcunha “fresco” advém da localização espacial que os homossexuais ocupavam para práticas sexuais, ou seja, o Largo do Rocio. A nomenclatura advém dos hábitos da população de frequentar o local para se “tomar fresco”. Tais pessoas deixaram de frequentar o Largo do Rocio justamente pela presença dos homossexuais. Como eles eram os únicos a visitar aquele local à noite, passaram a ser apontados de forma pejorativa de “*frescos*”.

No conto *O Menino do Gouveia*, Capadócio Maluco usa da liberdade poética, e erótica, para ambientar a história no Largo do Rocio, onde convivem os frescos, devassos, putos e fanchonos, como são rotulados os

homossexuais neste período, em busca de aventuras sexuais. O autor faz um paralelo da história real, publicada no jornal *O Paiz*, com a ficção. Inclusive, com os nomes das personagens envolvidas nesta trama. Na ficção do conto, o homem mais velho tem o nome real de Gouveia. Já o “Lulu”, de 40 anos, da vida real vira “Bembem”, tem 16 anos e se relaciona como passivo com o fanchono Gouveia na ficção de Capadócio Maluco. Porém, ambientado àquela realidade do Largo do Rocio.

Quando Green (2000:72) afirma que “embora o *Menino do Gouveia* seja uma obra ficcional de pornografia, o conto mapeia, de forma bastante precisa, a territorialidade e as opções sociosexuais disponíveis para a maioria dos putos, frescos e fanchonos no Rio de Janeiro da virada do século”, o autor aponta de forma precisa a intencionalidade do conto. Isso porque o conto consegue descrever e ambientar o comportamento de homens que fazem sexo com homens no Largo do Rocio. Comportamento visto a olho nu e que faz parte do cotidiano do Rio de Janeiro desde o século XIX, adentrando ao século XX. Porém, desde a publicação da matéria sobre o caso de abuso sexual cometido pelo Gouveia no jornal *O Paiz*, o personagem “Gouveia” ocupa uma narrativa vasta em *O Rio Nu* a partir de 11 de julho de 1906 até o lançamento do conto homoerótico em 1914.

Tais narrativas fazem pilhéria com a prática do sexo anal. Nesta narrativa erótica de *O Rio Nu*, uma revista masculina, evidencia os modos do masculino heterossexual agir daquela época. Há uma tara em torno do sexo anal, que não poupa ninguém: mulheres, homens, adolescentes e crianças, conforme vimos aqui em uma ilustração da edição nº 868, de 31 de outubro de 1906, quando o periódico mostra uma sala de aula cheia

crianças, que estão de costas e a legenda “Quanto não daria o Gouveia para estar onde está o leitor, por detrás de todos esses meninos?”. Enfim, evidencia-se algo corriqueiro e também uma realidade daquela época. Quando “O Caso do Gouveia” é transportado para a ficção no conto *O Menino do Gouveia*, é apresentado no campo da homossexualidade, vivenciada naquele ambiente do Largo do Rocio onde homens se encontravam para encontros furtivos sexuais com outros homens.

Encontros estes como fatos notórios daquela região, onde a homossexualidade, apesar de condenada, era praticada e vivenciada à vista de todos. Isso ao ponto do autor do conto, Capadócio Maluco, se colocar naquela ambientação e fazer sexo com o “puto” Bembem. O foco da narrativa, ou seja, aquele que narra a história (Capadócio Maluco), quer saber com quem o jovem Bembem iniciou sua vida sexual. Sendo assim, na ficção e no imaginário erótico da população, só poderia ser com o Gouveia, ambientado naquela região frequentada por homossexuais: o Largo do Rocio. Isso baseado no fato ocorrido em 1906 e publicado no jornal *O Paiç*.

## Referências

BARROS, José D'Assunção. “Micro-História”. In: **O Campo da História**. Petrópolis: Vozes, 2011, 8ª edição. pP. 152-179. Disponível em: <<http://campodahistoria.blogspot.com/2011/01/micro-historia.html>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

CAPADÓCIO. **Dicionário Online de Português**. 13 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>, acesso em: 13 jun. 2019.

CARBONEL, T. I. As Representações da Homossexualidade: construções da memória na cultura brasileira. **Revista L@el em (Dis)curso**, v. 3, PUC-

SP, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revlael/article/view/2001>>. Acesso em: 9 jun. 2019.

CARVALHO, M. V. Escritas Pornográficas no Limiar da 1ª República: um estudo de caso. **Transversos**, Rio de Janeiro. v. 01, n. 01, fev. 2014, pp. 62-74. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/18537>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

FAR, A. Crítica Social e Ideias Médicas nos Excessos do Desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. **Cadernos Pagu**, nº 28, pp. 285-312, jan-jun de 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n28/13.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2019.

FONSECA JUNIOR, A. C. P. Entre Letras, Roupas e Imagens: a (re)produção da sexualidade em contextos artísticos. **V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, 06 a 08 de Setembro de 2017, Salvador. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/trabalho\\_ev072\\_md1\\_sa15\\_id824\\_17072017103903.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/trabalho_ev072_md1_sa15_id824_17072017103903.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2019.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GREEN, J. N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_; POLITO, R. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

O Caso do Gouveia: Um trama diabólico: o relatório do delegado. **O Paiz**, nº 8.178 e 8.179, p. 2, 23 e 24 de fevereiro de 1907.

Revoltante! Atentado contra um homem respeitável. **O Paiz**, nº 7.928, p. 1, 18 de junho de 1906.

RIO NU, O. n° 1.599, 13 de junho de 1914, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.

\_\_\_\_\_ n° 1.581, 7 de fevereiro de 1914, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.

\_\_\_\_\_ n° 839, 21 de julho de 1906, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.

\_\_\_\_\_ n° 842, 1° de agosto de 1906, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.

SILVA, A. P. D. **A História da Literatura Brasileira e a Literatura Gay: aspectos estéticos e políticos.** *Leitura*, Maceió, n. 49, pp. 83-108, jan./jun. 2012.  
<<http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946>>.  
Acesso em: 14 jun. 2019

SOUZA, W. M. **Literatura Homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras.** 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2010. Disponível em:  
<[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/e8BRF39/literatura\\_homoer\\_tica\\_disserta\\_o\\_de\\_mestrado\\_pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/e8BRF39/literatura_homoer_tica_disserta_o_de_mestrado_pdf?sequence=1)>. Acesso em: 13 mai. 2019.

## Notas

---

<sup>1</sup> Originalmente, escreve-se “*O Rio-Nú*”. A partir da edição n° 158, de 10 de janeiro de 1900, passa a ser “*O Rio Nú*”. Em 3 de janeiro de 1903, na edição n° 469, a revista passa a ser grafada como “*O Rio Nu*”. Cf. Acervo de *O Rio Nu* da Hemeroteca Digital Brasileira da *Biblioteca Nacional*. Usarei esta última grafia para me referir ao periódico.

<sup>2</sup> A redação de *O Rio Nu* passa por outros endereços. Em 1908 vai para a Rua da Assembleia, 73. Já em 1910 passa a funcionar na Rua da Alfandega, 183, quando seu proprietário passa a ser Carlos Pereira. Já em 1914 se muda para a Rua do Hospício, 218, e por lá fica. Cf. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da *Biblioteca Nacional*.

---

<sup>3</sup> Antes de “*O Menino do Gouveia*” são publicados os seguintes contos: nº. 1, *Tio Empata* — nº. 2, *A Mulher de Fogo* — nº. 3, *D. Engrácia* — nº. 4, *Faz tudo...* — nº. 5, *A Viúva Alegre*. Cf. **O Rio Nu**, nº 1.599, p. 7, 13 de junho de 1914, disponível na *Hemeroteca Digital Brasileira*, da *Biblioteca Nacional*.

<sup>4</sup> Cf. **O Rio Nu**, nº 1.581, de 7 de fevereiro de 1914, disponível no acervo da *Hemeroteca Digital Brasileira* da *Biblioteca Nacional*.

<sup>5</sup> Cf. [www.osexodapalavra.com](http://www.osexodapalavra.com)

<sup>6</sup> O termo “*capadócio*” significa – além daquele originário da região asiática da Capadócia – aquele que é pejorativamente chamado de “Trapaceiro, charlatão, malandro”. Cf. *Dicionário Online de Português*. Também, um tipo “pernóstico e maneiroso, suspeito, duvidoso” Cf. PEDERNEIRAS, apud CARVALHO, 2016, p. 71.

<sup>7</sup> Cf. **Semana Ilustrada**, nº 67, p. 535, de 23 de março de 1862.

<sup>8</sup> Cf. **Correio Mercantil**, nº 252, p. 2, de 11 de setembro de 1864.

<sup>9</sup> Cf. **O Jardim do Rocio**. In: *Correio Mercantil*, nº 315, p. 2, de 14 de novembro de 1864.

<sup>10</sup> Cf. **Correio Mercantil**, nº 8, p. 1, de 8 de janeiro de 1866.

<sup>11</sup> Cf. *Ao Acaso*. **Gazeta de Notícias**, nº 333, p. 1, de 2 de dezembro de 1877.

<sup>12</sup> Cf. *Ao Acaso*. **Gazeta de Notícias**, nº 333, p. 1, de 2 de dezembro de 1877.

<sup>13</sup> Cf. *Rio à Noite*. **O Rio Nu**, nº 235, p. 5, de 6 de outubro de 1900.

<sup>14</sup> O conselho da Intendência Municipal muda a denominação da Praça da Constituição – o popular Largo do Rocio – para Praça Tiradentes em 21 de fevereiro de 1890.

<sup>15</sup> Cf. *A Vida no Rio*. **O Rio Nu**, nº 513, p. 2, de 6 de junho de 1903.

<sup>16</sup> Cf. **O Rio Nu**, nº 836, p. 5, de 11 de julho de 1906.

<sup>17</sup> Cf. **O Rio Nu**, nº 837, p. 2, de 14 de julho de 1906.

<sup>18</sup> Cf. **O Rio Nu**, nº 838, p. 2, de 18 de julho de 1906.

<sup>19</sup> Tais respostas são publicadas em *O Rio Nu*, nº 842, de 1º de agosto de 1906. São colocadas aqui agora, desobedecendo a ordem cronológica que utilizo neste livro, para facilitar a compreensão.

<sup>20</sup> Cf. **O Rio Nu**, nº 840, p. 7, de 25 de julho de 1906.

<sup>21</sup> Cf. **O Rio Nu**, nº 841, p. 3, de 28 de julho de 1906.

<sup>22</sup> Cf. **O Rio Nu**, nº 844, p. 3, de 8 de agosto de 1906.

<sup>23</sup> *Favila*: Cinza, brasa encoberta; Centelha, faísca, fagulha. Cf. Aurélio online.

<sup>24</sup> O mote se refere às disputas das elites e práticas do coronelismo e da posição dos governadores no estado do Mato Grosso, que se desenrola de 1892 a 1906. Enfim, a luta dos coronéis pelo poder, nos confrontos e alianças entre as famílias Ponce, Murtinho, Corrêa da Costa e Paes de Barros, com conflitos armados, saques a cidades, assassinato de opositores e reivindicações pela divisão do estado. Para mais informações ver: ARRUDA, Larissa Rodrigues Vacari de. **Disputas Oligárquicas**: as práticas políticas das elites mato-grossenses (1892-1906), São Carlos: Edufscar, 2015.

<sup>25</sup> Cf. *Comentários*. **O Rio Nu**, nº 979, p. 2, de 23 de novembro de 1907.

<sup>26</sup> Na matéria publicada, *O Paiz* diz se tratar de “Luiz Mendes da Motta”. No entanto, no texto do relatório do delegado, publicado abaixo da matéria, o nome consta como “Luiz Mendes de Mello”. Considerarei este nome por se tratar de documento oficial.

---

<sup>27</sup> *Apodo*: comparação jocosa ou ultrajante, gracejo, chalaça, zombaria, hostilidade, insinuação maliciosa.

<sup>28</sup> *Apupar*: gritaria insultante; vaia ruidosa e/ou prolongada, perseguir com vaias, assobios; zombar, escarnecer.

<sup>29</sup> Cf. O Caso do Gouveia. **O Paiz**, nº 8.178 e 8.179, p. 2, 23 e 24 de fevereiro de 1907.